Reis, 19 - 2.º - A CODEX

CORREIO do RIBATEJO
Santarém

CORREIO do VOUGA

21. DEZ. 1990

A VILA DE ALCOCHETE EM FESTA

Com este título publicou o "Correio do Ribatejo" de 10 de Agosto do corrente ano, uma pequena notícia sobre Alcochete.

Como alcochetano e ligado a esse distrito pelo casamento e pela minha vida profissional e onde residi alguns anos, não poderia deixar de ficar imensamente satisfeito, por ler no vosso jornal uma notícia referente à minha terra.

Todo o alcochetano se considera ribatejano, os nossos usos e costumes são ribatejanos, os nossos campos não diferem dos de Benavente, Salvaterra ou Almeirim. Aqui também é o solar do toiro bravo, segundo um livro da Direcção-Geral dos Serviços Pecuários e também o solar do campino, conforme escreveu o Engenheiro Alberto Xavier na revista "Novo Burladero" e faz parte também da borda d'água.

Alcochete é terra muito antiga, a sua fundação perde-se na noite dos tempos, diz-se que 850 anos antes de Cristo já existia. Há também quem afirme que o primeiro foral lhe foi concedido pelos árabes e o segundo por D. Sancho primeiro.

Foi terra predilecta de D. João I que aqui vinha repousar e daqui saíu para morrer em Lisboa. D. João II também aqui passou grande parte da sua vida. Durante o veraneio ordenava a realização de corridas de toiros no actual Largo de S. João, junto à igreja matriz. Rezam as crónicas, que certo dia quando a família real se dirigia para a corrida, um touro que rompera a vedação dos currais surgiu no caminho do rei, puxando este pela sua espada em defesa da rainha, mas o touro seguiu rua abaixo contender nele.

Às estadias prolongadas do Infante D. Fernando se deve atribuir a circunstância de ter nascido nesta vila D. Manuel I, da preferência deste rei pela sua terra falam eloquentemente o foral que lhe concedeu em 17 de Janeiro de 1515, o qual conservou até à morte no seu gabinete como prova de amizade e dedicação à sua terra natal e as obras de reconstrução que mandou fazer na velha igreja matriz.

Mas aqui nasceram também outros homens de grande valor como:

António Pereira de Faria, conhecido pela designação de "boca negra", que se cobriu de glória nas lutas contra os holandeses no Brasil;

O capitão-mór Cipriano, herói da batalha de Salga que na Ilha Terceira, com apenas 50 homens desbaratou as hostes invasoras filipinas que se compunham de 1.000 homens. Foi nesta batalha que se deu o episódio de a conselho de Frei Pedro terem sido largados todos os toiros bravos da ilha contra os invasores;

O Padre João Rodrigues Girão, que pregou o evangelho na Índia e no Japão;

Mais recentemente o Comendador Estevão d'Oliveira, que foi par do reino, na época de D. Luís. Foi proprietário da Herdade de Pancas, Raúl da Vala, Adema, Santo Isidro, etc. na freguesia de Samora Correia, além de outras no Alentejo e aqui em Alcochete e um dos maiores ganaderos do seu tempo. Nasceu no palácio que seu pai comprou e que havia pertencido à antiga família dos Patos, onde hoje se encontram instalados os Paços do Concelho.

O Padre Cruz também aqui nasceu, não sendo necessário fazer qualquer referência ao homem que foi, porque toda a gente sabe as qualidades que possuía;

É difícil enumerar grandes homens aqui nascidos porque foram muitos. Um dos últimos alcochetanos a dar a vida pela Pátria, foi o Engenheiro Agrónomo Augusto Pereira Padinha que na vila de Manatuto em Timor, quando da invasão daquele território pelos japoneses na 2.ª Guerra Mundial, se opôs ao hasteamento da bandeira nipónica em substituição da bandeira nacional, tendo sido traiçoeiramente apunhalado.

D. Afonso V e seu irmão o Duque de Viseu, bastante contribuíram para que os fidalgos do seu tempo aqui construíssem os seus palácios e aqui fixaram residência ramos das famílias: Patos, Pereiras, Menezes, Caluas, Gamas (da qual descendiam os navegadores Gamas de Alcoche-

te, tendo um deles acompanhado S. Francisco Xavier ao Japão), Lobos, Pais, Perdigões, Medeiros, Lourenços, Abreus, Andrades, Cunhas, Coutinhos (dos quais descendia D. António Luís Pereira Coutinho, Marquês de Soydos, a quem muito Alcochete deve e não esquece), etc..

O grande industrial Jacome Ratton também aqui viveu, foi dono da herdade da Barroca d'Alva, pertence hoje ao Engenheiro José Lupi, onde construiu um grande palácio, mandou enxugar pantanos, plantou vinhas e dedicou-se também à exploração do sal. Tinha ainda na referida herdade fábrica de vidros.

Presentemente, Alcochete pouco vinho produz. Segundo o livro "O Concelho de Alcochete" escrito em 1902 pelo Coronel Eduardo Avelino Ramos da Costa, Alcochete era um dos concelhos do Ribatejo que mais vinho produzia. Em sua substituição, têm sido instaladas estufas de floricultura, empregando só uma das empresas que se dedicam a esta actividade mais de 100 mulheres. A horticultura também tem uma implantação muito grande, sendo o concelho de Alcochete o maior produtor de cebola temporã. Tem também uma pecuária bastante forte.

O sal é uma indústria em decadência, algumas salinas têm sido ultimamente utilizadas na exploração da aquacultura, caso das da Santa Casa da Misericórdia desta vila.

Possui presentemente umas boas unidades fabris, como: a Firestone Portugesa, Ormis Embalagens de Portugal, Alumínio Português, fábricas de cortiça (3), secas de bacalhau, fábrica de explosivos, 2 fábricas de maquinaria para indústria, etc.. Encontram-se presentemente em construção uma fábrica de materiais pré-esforçados, uma de confecções (está no parque industrial criado pela Câmara Municipal), um matadouro industrial e um complexo hípico de grande envergadura. Possui também na herdade da Barroca d'Alva um estúdio cinematográfico, considerado o melhor da península.

Tem esta terra belas paisagens, daqui se pode observar a margem direita do Tejo, desde Lisboa até para cima de Vila Franca, parte da margem esquerda, desde a barra até Almada. Daqui também se pode ver a serra de Sintra e o palácio da Pena. O pôr do sol é um espectáculo maravilhoso e nas noites de verão quando a maré está cheia e calma, os milhões de lâmpadas das localidades da margem direita, reflectem-se no Tejo até esta vila.

A igreja matriz é um belo monumento, dizem que foi mesquita árabe e mandada reconstruir por D. Manuel I, tem 3 naves, sendo a porta principal e uma lateral estilo manuelino, assim como a linda rosácea. Possui ainda uma magnífica torre.

Tem também outros monumentos como a igreja da Misericórdia, que pertenceu ao Paço Real destruído pelo terramoto de 1755, guardando este templo belas pinturas como a bandeira da Misericórdia a mais antiga de todas que existem e um quadro de Nossa Senhora da Uva, a capela de Nossa Senhor da Vida num morro junto ao Tejo; a capela de Nossa Senhora da Conceição de Matos, que pertenceu ao célebre navegador Tristão da Cunha, encontrando-se ali sepultado um seu bisneto com o mesmo nome e sua esposa D. Antónia da Silva; a capela de Santo António da Ursa, no meio de uma lagôa no sítio do Vale de Santo António, propriedade do cavaleiro tauromáquico José Samuel Lupi, fazendo lembrar o Castelo de Almourol.

É digno de ser visitado nesta vila o Aposento do Barrete Verde, colectividade fundada com o fim de organizar anualmente as Festas do Barrete Verde e das Salinas. É esta a melhor colectividade taurina do País, encerra nas suas instalações grande parte dos troféus do cavaleiro tauromáquico José Lupi. Foi fundada por um punhado de homens com grande amor a esta terra, por coincidência entre eles encontrava-se João Lopes de Figueiredo, que foi também um dos fundadores do Grupo de Forcados Amadores de Santarém.

Joaquim José Pereira Junior